
ANÁLISE DO SALMO

110 E RELEITURAS

NO NOVO TESTAMENTO*

Leonardo Agostini Fernandes**

Resumo: neste artigo, algumas variantes são avaliadas e discutidas a partir do confronto entre o texto hebraico e do texto grego. As índoles régia e sacerdotal, presentes na estrutura, podem ser aplicadas a um único destinatário e evidenciam o gênero literário do salmo. O breve comentário expressa o sentido literal, pelo qual as perspectivas são abertas para se compreender o uso e a reinterpretação que foram feitas de alguns versículos no NT. A fé, na ressurreição e na ascensão de Jesus Cristo, foi essencial para compreensão cristã desse salmo.

Palavras-chave: Rei Davi. Salmo. Messias. Jesus Cristo. Ressurreição.

A simbologia do Sl 110 – régia, bélica e política – aponta para um rei guerreiro e sacerdote destinado a grandes vitórias. Existe, sem dúvida, um sentido histórico e teológico próprio do Sl 110 que definem o seu sentido literal, mas, ao ser aplicado a Jesus Cristo, considerando a sua paixão, morte, ressurreição e ascensão aos céus, foi possível fazer releituras e obter novos significados. Os versículos 1, 2 e 4 foram os mais usados no NT. As razões parecem ser: fundamentar a unção messiânica e o senhorio de Jesus Cristo, com base no AT; mostrar que não ocorreu apenas o cumprimento das promessas divinas contidas no AT, mas houve superação quanto ao alcance delas, pois foram abertas novas expectativas. Uma abordagem bíblico-teológica é a proposta do presente estudo, a fim de compreender a mensagem e sentido tanto do Sl 110 como dos textos nos quais esses versículos ocorrem no NT.

* Recebido em: 12.06.2015. Aprovado em: 18.06.2015.

** Doutor em Teologia Bíblica pela PUG-Roma. Diretor e Professor Adjunto 2 de Sagrada Escritura, com ênfase em Antigo Testamento, do Departamento de Teologia da PUC-Rio. E-mail: laf2007@puc-rio.br

TRADUÇÃO DO TEXTO HEBRAICO E GREGO

Tradução do Texto Massorético¹ Tradução da LXX²

Salmo de Davi 1a Salmo de Davi

Oráculo de YHWH para o meu senhor: 1b Falou o Senhor ao meu senhor:

*“Senta-te à minha destra, 1c “Senta-te à minha destra,
pois colocarei teus inimigos 1d até que ponha teus inimigos
por apoio de teus pés.” 1e apoio de teus pés.”*

O cetro de tua força

*estenderá YHWH desde Sião. 2a Vara da tua potência estenderá o Senhor de
Sião*

Domina³ no meio dos teus inimigos. 2b e domina no meio dos teus inimigos.

Teu povo [será] uma oferta generosa⁴

no dia do teu vigor⁵, 3a Contigo o início do dia da tua potência

nos esplendores do sagrado, 3b no fulgor do sagrado;

desde o útero do alvorecer;

para ti é um orvalho a tua juventude⁶. 3c “do ventre, antes da aurora, te gerei.”

Fez-se um juramento YHWH 4a Jurou o senhor

e não se retratará: 4b e não se arrependeu:

“Tu és sacerdote para sempre, 4c “Tu és sacerdote para sempre

segundo a causa de Melquisedec.” 4d segundo a ordem de Melquisedec.”

Meu senhor [está] à tua destra; 5a Senhor da tua destra;

espremerá reis no dia da sua ira. 5b comprimiu reis no dia da sua ira.

Julgará nações; 6a Julgará as nações;

amontoará cadáveres; 6b encherá cadáveres;

espremerá um chefe sobre uma vasta

terra. 6c comprimirá cabeças sobre toda a terra.

Da torrente do caminho beberá; 7a Da torrente, no caminho beberá,

desse modo fará erguer um chefe. 7b desta, erguerá a cabeça.

QUESTÕES TEXTUAIS RELEVANTES

Nota-se, ao se comparar as duas traduções, que a primeira dificuldade surge, no verso 1b. A LXX fez equivalência entre os termos hebraicos YHWH e ’ādōnāy, usando para ambos. As traduções modernas, por isso, costumam usar “Senhor”, em maiúscula, Yahweh, Javé ou Jeová, para o Tetragrama Sagrado, e “senhor”, em minúscula, para ’ādōnāy.

O termo ’ādon está presente em 711 versículos na Bíblia hebraica, variando no singular ou no plural, no estado absoluto ou construto, com ou sem sufixo, com ou sem preposição. Assim, é pelo contexto que se pode diferenciar os casos em

que 'ădōnāy⁷ não se refere a YHWH, mas a uma outra pessoa: um marido, um líder ou simplesmente como sinal de deferência (BATEMAN, 1992, p. 448). Abraão, por exemplo, é chamado de “meu senhor” ('ădōnāy) por Sara e não tem o mesmo peso ou sentido que YHWH (cf. Gn 24,36), mas a LXX traduziu, sem problemas, por “ao meu senhor” (τῷ κυρίῳ μου)⁸. No Egito, José habitava na casa do “seu 'ădōnāy” (Gn 39,2-3). Ao se tornar grão-vizir do Egito passou a ser denominado de 'ădōnāy (cf. Gn 42,10). A LXX também traduziu por κυρίος.

Cabe ainda notar que o substantivo “oráculo” (ne'um) foi traduzido na LXX por um verbo, “disse” (εἶπεν), no indicativo aoristo 3^a pessoa do singular (de λέγω). Com essa operação, perdeu-se algo forte da literatura profética. A fórmula ne'um YHWH ocorre 254 vezes e a maioria dos casos nos livros proféticos.

Melquisedec pode, em hebraico (מֶלְכִּי־צֶדֶק), ser traduzido por “meu rei é justo”, “meu rei é justiça” ou, simplesmente, “rei de justiça”, considerando o yōd não como sufixo pronominal, mas como vogal paragógica do primeiro termo que está no estado construto (JOÜON-MURAOKA, 2007, p. 293). Dada, porém, a influência de Gn 14,18, o normal é tomar a locução como nome próprio. Quando teve início a tradução grega, a Torá já tinha adquirido, praticamente, a forma que hoje se encontra nas Bíblias.

As maiores dificuldades aparecem nos versos 3a e 3c, pelos quais se percebe que o Texto Massorético possui um texto maior que a LXX. No verso 3a, a mudança da vocalização das consoantes permite que se passe de 'ammekā (“teu povo”) para 'immekā (“contigo” = μετὰ σοῦ), levando em conta a continuidade temática que pode ser estabelecida com o final do verso 2b (BOOIJ, 1991, p. 399). A LXX também não traz o equivalente a “uma oferta generosa”, pois com a mudança de vocalização, de nedābôt para nedibôt, se obtém um plural majestático que equivaleria a ἡ ἀρχή: “principado” (RAVASI, 1987, p. 268; COSTACURTA, 1997, p. 304), confirmado pela Vulgata: Tecum principatus, que corresponde ao grego μετὰ σοῦ ἡ ἀρχή. No verso 3c, no lugar de mišhār, um hapax na Bíblia hebraica, a LXX teria lido miššahār.

Também entre os versículos 5-7, encontram-se dificuldades que dizem respeito à clara identificação dos sujeitos das ações⁹. Não é satisfatória a solução segundo a qual YHWH é o sujeito só do verso 5b, devido ao sufixo de 3^a pessoa do masculino singular, e depois o será do verso 7b (no texto hebraico), devendo ao rei as outras ações (GILBERT-PISANO, 1980, p. 343-56). Algo que pode ser questionável, pois o rei, que foi colocado à direita de YHWH, é objeto de profecias que ainda não se cumpriram. Parece mais sensato pensar que as ações acontecerão por obra de YHWH, a fim de que esse rei entronizado possa reinar com tranquilidade e justiça, o que permitiria que as ações do versículo 6 fossem atribuídas ao rei. Apesar disso não se eliminaria a total aplicação das

ações a YHWH. Uma exceção deve ser feita com relação ao verso 7a, dado que a ação de beber da torrente no caminho deveria ser uma ação do rei e não de YHWH, salvo se pudesse ser considerado um antropomorfismo.

O Texto Massorético, apesar das dificuldades textuais, é assonântico (la'adônî –lîmîni; 'ôybêka–leraglêka), rítmico, pelo uso do sufixo de 2ª singular, compreensível e não exige correções, que, na maioria dos casos, ocorrem nas traduções pela adesão às conjecturas, baseadas, principalmente, na LXX que parece possuir um texto mais claro, porém com mais tendências teológicas de cunho messiânico.

ESTRUTURA, DATAÇÃO E GÊNERO LITERÁRIO

A dinâmica profética, que permeia a estrutura deste salmo, permite pensar em dois destinatários distintos: um rei (v. 1b: investidura régia) e um sacerdote (v. 4c: investidura sacerdotal). Isto possibilitaria dividir o salmo em duas partes: vv. 1-3; vv. 4-7. Essa dinâmica profética, porém, pode ser atribuída, perfeitamente, só ao rei, que recebe, igualmente, uma dignidade sacerdotal pautada, porém, em Melquisedec “que era sacerdote do Deus Altíssimo” (Gn 14,18)¹⁰. Prove-se ler o salmo sem o versículo 4 e se nota que a sequência continua fluindo perfeitamente e a índole régia, com conotação bélica, até se mantém de forma mais coerente.

A favor da unidade, porém, encontra-se: (a) o uso da 2ª pessoa no masculino singular, por dez vezes, nos sufixos ligados aos substantivos, verbos, preposições e no pronome pessoal; (b) o termo 'ādōnāy nos versos 1b e 5a; (c) a vitória desdobrada sobre os inimigos com detalhes nos versículos 1b-3 e 5b-7.

Assim, o salmo está estruturado em duas partes, contendo duas profecias dirigidas, talvez por um profeta cortesão que fala, em nome de YHWH, ao rei, destinado a ser sacerdote (WEISER, 1994, p. 536-537). A primeira está aberta pela fórmula “oráculo do Senhor” (verso 1b); a segunda abre-se pelo juramento irrevogável (versos 4ab), que pode ser considerado uma fórmula profética (ALONSO SCHÖKEL – CARNITI, 1998, p. 1355-6; LORENZIN, 2001, p. 428).

É comum encontrar, nos vários estudos deste salmo¹¹, uma cronologia ampla, que vai do século X a.C. ao século II a.C. (COSTACURTA, 1997, p. 306). Este último passou a ser objeto de grande especulação, porque coincide com o tempo próximo da tradução da LXX e com a ação dos irmãos macabeus, que desempenharam e detiveram o poder sacerdotal, estando, inclusive, na origem da dinastia asmoneia (ROUTLEDGE, 2009, p. 3-4). As razões, para que um arco temporal tão largo seja admitido, são muito complexas, cheias de detalhes e conjecturas dos estudiosos. Estes não serão avaliados nesse estudo.

O simples fato da titulação dada a Davi (verso 1a) não é argumento suficiente para fazer dele o seu autor, apesar de certos elementos do salmo ecoarem a sua “coroação”, a conquista do território dos Jebuseus (futura Sião), e as ofertas e sacrifícios que realizou, assumindo funções sacerdotais, por exemplo, na ocasião do traslado da arca (2Sm 6). Não fica de fora dessa lista, a perspectiva profética que traz à mente a presença e a ação dos profetas cortesãos Natan e Gad. Ao lado disso, o fato do versículo 1 ter sido usado por Jesus durante uma provocação feita aos fariseus (Mt 22,43); ou aos que o escutavam, enquanto estava no templo, referindo-se ao ensinamento dos escribas (Mc 12,36), após ter feito calar aos saduceus (cf. Lc 20,42), não é um argumento a favor da autoria davídica. “A aplicação literária a Davi é, na realidade, uma opinião popular que Jesus assume como filho do seu tempo e não implica particular significado se não com finalidade de ‘argumentum ad hominem’ que ele quis extrair desta opinião” (RAVASI, 1984, p. 265). Este ponto será tratado mais adiante.

Do momento em que um descendente de Davi não mais esteve sentado sobre o seu trono, o que permitiria a aplicação desse salmo a vários sucessores, a recitação foi ganhando novos significados, durante o período persa e helênico. O gênero literário, hino monárquico, régio ou régio militar, dos tempos da monarquia davídica, passou a ser expressão de esperança: hino ao futuro rei-messias. O forte aspecto oracular contribuiu para fomentar essa esperança, o que se verifica nas releituras que foram feitas no NT¹².

ÍNDOLE BÉLICA DO SALMO

Não é difícil de perceber, pelos termos empregados e pelo seu conjunto, que o Sl 110 está carregado de questões políticas e bélicas, modo concreto pelo qual o rei mostrava o seu interesse pelo bem-estar do seu povo. Ações militares e religiosas não estavam separadas. Fala-se dos inimigos a serem submetidos e dominados; do cetro de poder; da potência militar do povo; dos reis reduzidos a nada no dia de ira; do juízo das nações; dos cadáveres¹³.

O versículo 4, com a proclamação do sacerdócio eterno do rei, é que parece destoar, inicialmente, desse conjunto, mas isso fica atenuado, visto que o encontro de Abraão com Melquisedec aconteceu após a vitória de Abraão contra a coalizão de reis cananeus, a fim de salvar seu sobrinho Ló (Gn 14,1-16.17.20.21-24). A presença de Melquisedec permite que se concedam prerrogativas sacerdotais ao rei que sobe ao trono. Com isso, o rei torna-se possuidor tanto de poder político como sacerdotal. Nada impede de se ver nesse rei, um Samuel redivivo, possuidor tanto do poder político como sacerdotal. Este duplo poder aparece com Davi, quando “entronizou” a arca de YHWH em Jerusalém e abençoou o povo (2Sm 5,1-6,23).

O rei, que ascende ao trono, porque está sentado à direita de YHWH, será seu protegido e terá grande êxito nas campanhas militares que realizar. Por ser sacerdote eterno não necessitará pedir a nenhum outro sacerdote a bênção para ir para a batalha. Justifica-se a índole bélica, uma vez que Davi foi um grande guerreiro e, por isso, teve não só muitas vitórias, mas também muitos inimigos. A espada, inclusive, não se afastou da casa de Davi, por causa do seu duplo pecado (2Sm 12,10). Por isso, a sucessão ao trono não foi uma realidade pacífica e desprovida de turbulências internas e externas. Toda essa cortesãos.

A questão a ser levantada, de acordo com os objetivos do presente estudo, diz respeito a esta índole bélica que é perturbadora pelo uso que Jesus Cristo fez deste salmo, bem como pela forma como a ele foi aplicado¹⁴, uma vez que se insiste perturbação devia ser acompanhada de perto pelo povo, mas, em particular, pelos nas suas prerrogativas de messias pacífico¹⁵. Como se verá adiante, o aspecto bélico entrou modificado nas releituras que foram feitas deste salmo no NT.

BREVE COMENTÁRIO

Versículo 1: Visto que se trata de um oráculo régio, o destinatário direto é o rei que está sendo “entronizado”, isto é, que toma posse do trono pelo ato de se sentar nele (no ocidente se diria “coroadado”); ele ouve de um profeta da corte, de um sacerdote ou de um cortesão dignitário o augúrio que devia fazer parte do protocolo e do cerimonial¹⁶. Por este augúrio, deseja-se ao rei aquilo que melhor sinalize segurança, proteção e estabilidade, isto é, o que condiz com a realidade. Estar à direita de YHWH é, sem dúvida, a máxima honra, pois é o lugar que identifica o rei, que rege, com a vontade de YHWH, ao qual compartilha o poder porque está ao seu serviço¹⁷. A partir da honra assumida pela posição ocupada, o rei passa a ter as condições necessárias para demonstrar poder e autoridade. No caso, seria o fruto de um caminho dedicado à assimilação da lei, pela qual se aprende a obedecer à vontade de YHWH (1Rs 17,14-20), acima de tudo, e, com isso, declara-se que o rei participa do poder divino que lhe deu o trono. O termo “rei” não é usado, mas ’ădōnāy faz o seu papel e denota o protocolo régio.

YHWH, porque possui o supremo comando, concede ao seu ungido a vitória sobre os inimigos que, diante dele, se dobrarão. Os pés sobre os seus pescoços é símbolo do seu poder que o messias recebeu de submeter os inimigos.

Quando Davi transmitiu as suas últimas palavras a Salomão, seu sucessor, não apenas exigiu fidelidade de seu filho a YHWH, mas exigiu que ele eliminasse os que agiram como inimigos do seu trono (1Rs 2,1-10). Salomão além de seguir as ordens de Davi, eliminou, inclusive, seu irmão e principal

rival, Adonias (’adōniyyāh), nome duplamente teofórico: ’ādōnāy (“meu senhor”) é YHWH.

O resultado das primeiras medidas tomadas por Salomão consolidaram o reino e o livraram das ameaças de usurpação ao trono. Com isso, pode reinar sem as interferências de seus rivais, inclusive da força política de sua mãe (1Rs 2,12-46). Ter os inimigos sob os pés é ter todo o reino sob seu domínio, a começar pelos internos. Estas ações parecem impiedosas, mas são justificadas pelo poder oriundo do trono sobre o qual o rei se assenta. O apoio dos pés do rei alude ao poder que YHWH tem para submeter tudo aos seus pés (Sl 99,5; 132,7; 1Cro 28,2; Lm 2,1; Is 66,1), mas, também, lembra o estrado com os nomes ou as faces pintadas dos reis vassallos, que deveriam ser submetidos pelo novo rei que subia ao trono, dando prosseguimento às campanhas expansionistas (BORTOLINI, 2000, p. 457).

Desta aproximação “histórica”, muitas outras podem ser feitas, pois a partir da cisão do reino (931 a.C.), a questão da estabilidade do trono de Davi tornou-se um ponto importante para a teologia judaíta, que se solidificou, nos tempos de Ezequias, após a destruição do reino do norte (721 a.C.), mas ganhou novos contornos depois da morte de Josias, da destruição de Jerusalém e do conseqüente exílio em Babilônia. Se este pôs um fim na dinastia davídica, não, por isso, ela deixou de ser cultivada pelos que continuaram alimentando a esperança na vinda do messias.

Versículo 2: Sião é, segundo a tradição veterotestamentária, o lugar que YHWH escolheu para colocar o seu nome e habitar com o seu povo liberto do Egito (Sl 9,11; 76,3; 132,13) e, com ele e por ele, purificar a terra que lhe pertence (Dt 9,1-6). Sião é o elemento chave nesse versículo, porque é a fonte quer da autoridade régia quer do domínio do rei. Sião foi fruto da conquista de Davi (2Sm 5,7; 1Cro 11,5). A história da monarquia narrada nos livros de Samuel, Reis, Crônicas e julgada pelos profetas, revela que, devido às infidelidades dos reis e das lideranças do povo, Sião foi, também, o alvo da ira de YHWH, que culminou com a destruição de Jerusalém (2Rs 25,8-17; também narrada em Jr 39,8-10; 52,12-27).

O rei, que subiu ao trono, reina em Sião e desde Sião, porque YHWH colocou em suas mãos o cetro pelo qual manifesta força e domínio sobre os inimigos (Sl 2,8-9). O termo hebraico *maṭṭēh* indica o “bastão pastoral” de comando¹⁸ e é o mesmo que aparece em Gn 38,15.25 pelo qual Judá, do qual descende Davi, entregou os sinais do seu poder a Tamar e é o mesmo que estava nas mãos de Moisés e de Aarão para realizarem os sinais portentosos contra o Egito (Ex 4,2.4.17.20; 7,9-10.12.15-20.28; 8,1.12.13; 9,23; 10,13), para abrir o mar (Ex 14,16), para fazer a água brotar da rocha (Ex 17,5) e para vencer os amalecitas (Ex 17,9). Como YHWH, pelo bastão de Moisés, estendeu o seu domínio sobre o Egito, o rei estenderá, pelo cetro de sua força, o domínio sobre os inimigos.

Versículo 3: Como YHWH abençoa o rei e lhe concede o seu poder, o povo se une ao seu rei e se oferece generosamente para a batalha. Como o rei pode contar com o poder de YHWH, o povo se disponibiliza para que o seu rei conte com ele. O cetro do rei se estende pelo povo em desfile e em ordem de batalha, talvez desde o amanhecer. Com súditos e guerreiros, jovens e valentes, o rei está pronto para vencer os inimigos.

As imagens que acompanham o poder dado ao rei indicam que está revestido do esplendor sagrado e o seu nascimento é comparado a um novo amanhecer que traz consigo o orvalho da noite e que revigora o solo. O simbolismo aponta para a fecundidade, a força e a vitalidade do rei. Segundo o costume do Antigo Oriente Próximo, o novo rei, que sobe ao trono, se torna filho da divindade protetora do país. O antigo Israel concebeu diferente, 2Sm 7,1-17 afirma que YHWH declarou que essa filiação advém da eleição que fez da casa de Davi. A LXX, nesse versículo, se distancia muito do hebraico e insiste na origem divina e sagrada do rei. Com isso, consegue criar uma continuidade menos difícil com o dom do sacerdócio e com a figura de Melquisedec, indicadores da origem misteriosa do messias.

Versículo 4: O tom solene das declarações precedentes alcança um clímax, com YHWH fazendo um juramento (Sl 89,4.36.50; 132,11). Pode-se dizer que é o segundo oráculo do salmo. O verbo “jurar”, no hebraico, está no reflexivo. O motivo é evidente: YHWH só pode jurar por si mesmo. Além disso, YHWH assume o empenho com o seu juramento, pois sua decisão é irrevogável.

A declaração, “Tu és sacerdote para sempre”, não ocorre outra vez na Bíblia hebraica. Com isso, se afirma que esse rei recebe dupla unção, pois só o rei e o sumo sacerdote eram ungidos (Lv 4,3; 1Sm 2,10). 1Sm 2,35 afirma que YHWH suscitará um sacerdote fiel, que estará a serviço do messias para sempre. O poder temporal e o religioso, de forma misteriosa, convergem e se concentram sobre a mesma pessoa e acentuam o papel mediador do rei em relação a YHWH e ao povo.

A forma misteriosa advém do último verso: “segundo a causa de Melquisedec”. Este personagem apareceu e desapareceu, da mesma forma enigmática, no ciclo de Abraão, interpolando, inclusive, o relato da sua vitória contra os reis cananeus (Gn 14,12-17.21-24). O fato de ser citado como “sacerdote e rei de Salem” (Gn 14,18-20), confere “antiguidade” ao salmo¹⁹, mas destaca que o sacerdócio do rei não está atrelado ao poder religioso derivado de Aarão, cujo poder se concedia, dentro da própria tribo e por um ritual, marcado pela imposição das mãos (Ex 34; Lv 8,1-9,24). Por isso, traduzir por “causa” ao invés de “ordem” permite sublinhar, por um lado, a inexistência de uma “linhagem” sacerdotal para o rei e, por outro lado, permite acentuar a questão da justiça, tão capital no exercício do poder temporal e religioso no antigo

Israel. Além disso, percebe-se certa intenção: mostrar que Davi e sua dinastia se tornam canais da bênção prometida a Abraão para os seus descendentes. Assim, a ligação com Melquisedec serve para conferir a Davi e aos seus sucessores a potestade para perpetuar essa bênção de geração em geração (ROUTLEDGE, 2009, p. 12-5).

Versículo 5: É normal pensar que a posição se inverta. YHWH é quem estaria, agora, ao lado direito do rei (WEISER, 1994, p. 539; COSTACURTA, 1997, p. 310). Essa leitura advém da ambiguidade criada pela LXX e seria corroborada pelo uso do sufixo pronominal de 3ª pessoa do masculino singular do verso 5b. O texto hebraico, porém, usa uma frase nominal e o sujeito 'ādōnāy aparece, de forma enfática, na primeira posição. Não faz sentido considerar 'ādōnāy, aqui, com epônimo de YHWH. Então, não é YHWH quem está à direita do 'ādōnāy, mas é o rei que continua à direita de YHWH e que continua fiel, porque se mantém nessa posição. Por isso, infligirá grande derrota aos reis “no dia da ira” de YHWH. Em outras palavras, “no dia da ira” de YHWH, o rei alcançará grande derrota sobre os seus inimigos, pois estes são também inimigos de YHWH.

Se YHWH está à esquerda do rei, então o rei está protegido contra todos os seus adversários, visto que, estando à direita de YHWH, consegue golpear os inimigos. A posição direita e esquerda joga importante papel na batalha²⁰. Em certos casos, os guerreiros que sabiam manusear a espada com a esquerda eram considerados mais habilidosos e levavam vantagem sobre os inimigos que, comumente, manuseavam as armas com a destra (Jz 3,21).

A locução “dia da sua ira” ou “dia da ira de YHWH” é corrente nas profecias e liga-se, de modo particular, ao anúncio do “dia de YHWH” (Jl 1,15; 2,1-11; 3,1-5; 4,1-21; Am 5,18-20; Sf 1,14-18; Is 13,1-13). Os contatos do Sl 110 com Jl 4,1-21 são notáveis, bem como com o Sl 76. “Com alegria e temor se esperava o Dia em que Iahweh iria se levantar para a luta decisiva e última contra os inimigos de Israel, para abatê-los e conceder vitória e salvação ao seu povo” (WEISER, 1994, p. 539). É o anúncio de um dia do juízo e acerto de contas, pelo qual YHWH, justo juiz, aniquilando a maldade e os seus operadores, inclusive no meio do seu povo, devolve a justiça e a paz sobre a terra (FERNANDES, 2014, 393-4).

Versículo 6: A manifestação da ira de YHWH traz consigo o juízo das nações e, com ela, a morte. “O autor do salmo parece contagiarse desse espírito belicista que se compraz em contar as baixas inimigas” (ALONSO SCHÖKEL – CARNITI, 1998, p. 1359). Não é agradável ouvir um anúncio tão cruel, mas no contexto bélico não se pode esperar coisa diferente, uma vez que os inimigos não abandonam a maldade de suas mãos e movem guerra contra YHWH e seu ungido (Sl 2).

A vitória sobre um chefe que domina uma vasta terra evoca a derrocada de um império que nada pode contra YHWH e o seu rei-sacerdote. Manter o singular “um chefe”, do hebraico, ao contrário do plural, “cabeças”, da LXX, faz diferença, pois ajuda na percepção da intencionalidade do texto. Ao lado disso, a preferência por “chefe”, ao invés de “cabeça”, também é intencional, pois, ao longo dos séculos, a aplicação do julgamento de YHWH pode ser concretizado sobre os diferentes reis que dominaram vastos territórios: Teglát-Falasar, Senaqueribe, Nabucodonosor, Dario, Alexandre Magno, Antíoco IV Epifanes.

Versículo 7: O salmo começou com o rei sentado à direita de YHWH, mas é concluído com ele em movimento e saciando a sua sede junto a uma torrente. Não é fácil encontrar uma ligação entre os dois versos. O texto parece corrompido (WEISER, 1994, p. 539), o que dá margem para inúmeras interpretações. Se o verso 7b estivesse diretamente após o verso 6c a ligação seria quase que natural. Pode-se lembrar que a unção de Salomão ocorreu junto à fonte de Gion (1Rs 1,32-40), mas, também, pode ser evocada a imagem lúdica da eleição dos trezentos valentes que, sob o comando de Gedeão, venceram os madianitas, amalecitas e todos os filhos do oriente (Jz 7,4-8). Outros exemplos, nesta direção, não faltariam.

Por certo, após uma batalha violenta, sangrenta e com muitas mortes, encontrar uma torrente para matar a sede, reconforta, ajuda a refazer as forças e faz andar de cabeça erguida (ALONSO SCHÖKEL-CARNITI, 1998, p. 1359). Pelo fato, porém, do verbo do último verso estar no causativo na 3ª pessoa do masculino singular, é passível de ser aplicado tanto ao rei, que volta vitorioso da batalha, mas em particular a YHWH, que lhe deu a vitória sobre os inimigos. Ao se admitir essa possibilidade, o salmo passa a ter uma moldura, pois é aberto e encerrado com as ações de YHWH, voltadas a favor do rei. O mesmo não pode ser feito com a versão grega que, praticamente, obriga a ver o rei com o sujeito da última ação do salmo.

ALGUMAS RELEITURAS DO SL 110 NO NOVO TESTAMENTO

O uso do Sl 110 no NT acontece em função das prerrogativas de rei e de sacerdote, aplicadas a Jesus de Nazaré, confessado pelos seus discípulos: Messias, Senhor e Filho de Deus²¹. As referências diretas ou indiretas do Sl 110 no NT estão conformes ao texto da LXX. Os critérios usados foram: a) a fé na ressurreição de Jesus, reconhecida como manifestação do poder de Deus em sua vida; b) a fé na ascensão de Jesus, como glorificação e entronização à direita de Deus, pelo que sofreu para realizar, em sua vida, a vontade de Deus; c) a memória de que Jesus, antes de sofrer a paixão, ensinou no templo e discutiu sobre a origem do messias.

A Origem do Messias

A citação direta do Sl 110,1 ocorre na tradição sinótica com poucas variantes (Mt 22,44, Mc 12,36 e Lc 20,42-43). Jesus encontra-se no templo e discute ou ensina sobre a origem do messias. Isso tem a ver com a sua identidade e missão. Em Mateus, há diálogo entre Jesus e os fariseus, porque o contexto é de debate. Em Marcos, há monólogo, porque Jesus está ensinando sobre o que afirmam os escribas. Lucas é mais próximo de Marcos. Jesus passa, de indagado, a indagador e em tom provocador, mas sem ser hostil (GNILKA, 1998, p. 389-90). Marcos e Lucas concordam que a questão envolveu o ensinamento dos “escribas”, sobre o qual, Jesus também tem algo a ensinar. Em Mateus, a questão foi feita aos fariseus.

Dado central é que a comunidade cristã primitiva não só aceitou a filiação davídica de Jesus (Mt 20,30-31; 21,9; Mc 10,47-48; 11,9-10; Lc 18,38-39), mas foi além, pela nova consciência que derivou da ressurreição de Jesus, pela qual se tornou Senhor (FABRIS, 1992, p. 199). É possível admitir que a questão foi colocada não só para especialistas da Torá, mas para quem reconhecia uma autoridade divina também em outros escritos, no caso o saltério²², razão pela qual os saduceus não entraram na discussão. Contudo, essa classe não ficou de fora, pois o debate ocorreu no templo, sede do poder sacerdotal e seria retomada durante o processo de condenação na frente do sumo sacerdote (Mc 14,60-64). Com isso, as dimensões régias e sacerdotais, presentes no Sl 110 foram devidamente mantidas, ampliadas e ressignificadas (WATTS, 2007, p. 317-20).

O centro da questão está, exatamente, na relação que se estabelece entre o primeiro e o segundo κύριος do verso 1b. Ao lado dessa questão é preciso colocar outra: Jesus propôs o problema, tendo por base o texto da LXX ou o texto hebraico? Pelo fato de estar no templo, isto é, na parte mais santa de todo o território, pode-se pensar que Jesus (ou a primeira comunidade pós-pascal formada por judeus convertidos) não levantou a questão segundo a LXX, mas segundo o texto hebraico. Contudo, como teve diante de si, fariseus ou escribas, nada impede que a questão tenha sido levantada com base na LXX, porque, segundo o texto hebraico, o problema da distinção entre YHWH e ’ādōnāy não existe a priori²³.

Assim, a tradução grega foi que deu margem para a questão colocada por Jesus aos seus interlocutores, segundo a qual, o primeiro κύριος não seria uma referência a YHWH, mas a Davi, que estaria falando do messias, reconhecido no segundo κύριος. De fato, isso é possível e soaria da seguinte maneira: “Disse o senhor (Davi) ao meu senhor (Messias)”, ou ainda, sendo Davi o “autor” do salmo, o primeiro κύριος se refere a YHWH e o segundo ao messias e Senhor de Davi

(PESCH, 1982, p. 380-1). Daí a outra questão: “Se, então, Davi o chama Senhor, como pode ser seu filho?” (Mt 22,45). Não há réplica e Jesus coloca uma nova pergunta sem contradizer, diretamente, a compreensão dos interpretes da lei de que o messias seria filho de Davi, pois, se o fizesse, teria negado a Escritura (2Sm 7,1-17; Sl 89,35-36).

O messias Jesus, na sua ascendência humana, é filho de Davi, mas, enquanto exaltado e glorificado por sua paixão e ressurreição, é Filho de Deus (Mt 16,16; Mc 15,39; Lc 1,35), e, portanto, é senhor de Davi (SABOURIN, 1989, p. 318). Isso também não contradiz a tradição, segundo a qual, o messias seria um descendente de Davi, contradiz, contudo, uma expectativa messiânica de cunho político, bélico, imperial e triunfalista (FABRIS, 1990, p. 567-8).

Para Jesus, o verdadeiro filho de Davi é o que põe em prática a Torá, dela não se afasta e sabe interpretá-la com autoridade porque, em tudo obedece à vontade de Deus (PESCH, 1982, p. 380). “A citação do salmo 110 serviu-lhe apenas para mostrar a insustentabilidade da posição dos seus interlocutores e para opor-se às suas esperanças messiânicas” (BARBAGLIO, 1990, p. 335).

A Fé na Ascensão de Jesus

Com o fim do templo, não havia mais uma referência local para o futuro messias se sentar à direita de Deus. Para os cristãos, expulsos da sinagoga, isso foi resolvido com a fé na ascensão de Jesus aos céus, onde se sentou à direita do próprio Deus e não, como Davi, à direita do trono terreno de Deus no templo.

O Sl 110, aplicado a Jesus Cristo, serviu, igualmente com base na Escritura, para atestar a sua ascensão e exaltação, à direita de Deus, após sofrer a paixão, cumprindo a purificação dos pecados (Hb 1,3). Segundo a tradição sinótica (Mt 26,64; Mc 14,62; Lc 22,69), a sentença de morte adveio, exatamente, da resposta afirmativa que Jesus deu diante de todos para a pergunta formulada pelo sumo sacerdote, pela qual admitiu ser o messias (Mt 16,16), baseado no Sl 110,1c e em conformidade com Dn 7,13. Em Lucas, não se fez menção ao “vereis” de Mateus e Marcos, bem como à citação de Daniel.

Pela resposta que deu, Jesus reivindicou para si não apenas uma autoridade acima de quem o julgava, mas a própria realeza universal e definitiva, pois deixava claro que o seu poder era uma participação no poder do próprio Deus (BARBAGLIO, 1990, p. 395). Jesus, com isso, estaria afirmando que na glória de Deus, seria ele a estar julgando os que na terra o julgaram e o condenaram à morte, triunfando sobre os seus inimigos (PESCH, 1982, p. 642-4)²⁴. A resposta de Jesus não poderia ter sido mais direta e, ao mesmo tempo, mais comprometida, pois declarou, diante da máxima autoridade religiosa, que estava reivindicando, para si, a plenitude do poder, mesmo sem ter citado a referência a

Melquisedec. O sumo sacerdote sabia, muito bem, todo o conteúdo do Sl 110. No final duvidoso do evangelho de Marcos (16,9-20), está o breve episódio da ascensão (Mc 16,19). Neste, há mais uma referência ao “sentou-se à direita de Deus” do Sl 110,1, narrado, porém, nos moldes de arrebatamento (2Rs 2,11). A ascensão, então, desemboca na tomada de posse do lugar reservado para Jesus ao lado direito de Deus. Como dito acima, é o lugar do justo juiz e Jesus participa como Senhor, isto é, com a mesma dignidade do próprio Deus.

Essa mesma ideia ocorre em At 2,34-35. Davi, que não subiu aos céus (pois o seu túmulo estaria bem próximo de Pedro que falava e de todos os que ouviam), não falou no Sl 110,1 da sua entronização celeste, mas da exaltação do “seu Senhor”. Essa alegação só é possível com base na LXX, razão pela qual a ressurreição de Jesus manifesta a vitória sobre seus inimigos (SCHNEIDER, 1985, p. 384). Talvez, a intenção do anúncio dessa vitória, na catequese primitiva, fosse a de ser um sinal e um motivo de esperança para os discípulos que continuavam enfrentando, por um lado, a força da hostilidade de judeus e de pagãos (FABRIS, 1991, p. 71), e, por outro lado, a demora da parusia, pela qual os maus seriam destruídos pela soberania de Jesus Cristo (CALLAN, 1982, p. 631-636).

At 2,34-35 não apenas permite compreender a pergunta que ficou sem resposta em Mt 22,44, Mc 12,36 e Lc 20,42-43, mas dá a resposta, pois revela o sentido do senhorio universal de Jesus em relação a Davi, que profetizou, e para toda a história, que se beneficia da sua realização (GRENZER, 2015, p. 267). Jesus ressuscitado é quem participa da plenitude do poder de Deus e, porque está à sua direita, tornou-se intercessor por todos os que lhe pertencem. O evento histórico da morte e ressurreição de Jesus continua na sua glorificação pelos que redimiu e Deus, por ele, a todos justifica (Rm 8,34). O exercício do poder de Jesus, sentado à direita de Deus e reinante sobre todos os seus inimigos, acontece em virtude do amor de Deus que reconciliou, consigo, todo o gênero humano (SCHLIER, 1982, p. 457-8).

Jesus possui o céu, quer dizer que domina e determina a existência do ser humano para um caminho de transcendência, pois implantou sobre a terra o reino de Deus, que é superior a tudo que se possa conceber como soberania humana ou celestial (Ef 1,20; 1Pd 3,22). Assim como nenhum anjo foi chamado filho de Deus (Sl 2,7; Hb 1,5), também a nenhum anjo foi dada a honra de se sentar à direita de Deus (Hb 1,13)²⁵. “O que antes era um salmo de entronização, que legitimava a realeza em nome de Deus, torna-se, na releitura cristã, uma declaração solene do senhorio do Filho, entronizado à direita de Deus, no mundo celeste” (FABRIS, 1992, p. 378). Para essa realidade se dirige a atenção e o desejo dos que hão de ressuscitar com Jesus Cristo (Cl 3,1).

A Fé na Ressurreição de Jesus

Jesus ressuscitado, por estar à direita de Deus, possui uma participação no poder régio de Deus muito superior ao que podia ter sido concebido quando o Sl 110 surgiu. A direita de Deus não é mais um lugar, ao lado do templo terreno, para os descendentes de Davi, mas uma condição superior assumida por Jesus glorificado. Estar “à direita de Deus” é estar “nos céus” (SCHLIER, 1973, p. 125). “No fundo podem-se ver as imagens bíblicas da entronização real e do triunfo do herói sobre os inimigos subjugados aos pés do vencedor” (FABRIS, 1992, p. 155).

A utilização, quase livre, do Sl 110 como referência à glorificação de Jesus, possui caráter messiânico e atesta que a sua vitória sobre a morte não foi uma coisa casual, mas manifestação do poder de Deus e realização do seu histórico projeto salvífico (BARBAGLIO, 1989, p. 363).

A vitória e o domínio de Jesus Cristo sobre os inimigos representam o que significa estar sentado à direita de Deus e acontecem por força do seu reinado. O ato de submeter os inimigos (Sl 8,7), por sua vez, atesta o juízo de Jesus Cristo sobre o mundo que atenta contra os seus fiéis. Jesus Cristo, como saiu vitorioso da sua morte, em cada fiel que ressuscita renova a vitória da sua ressurreição e, dessa forma, realiza-se plenamente o sentido messiânico da sua identidade e missão.

A ressurreição é um acontecimento potente de Deus em Jesus Cristo. Por ela e em cada fiel, se expande o triunfo de Jesus Cristo sobre todos os inimigos de Deus. Com isso, também, todos os reinos do mundo são submetidos e, aos pés de Deus, são depositadas as vitórias alcançadas e as conquistas que foram realizadas por ordem de Deus que comunicou ao seu ungido a sua força e o seu poder (Rm 8,34-36; Ef 1,20-21; Cl 2,15). A morte é o último inimigo a ser destruído (1Cor 15,25-26), mas, de alguma forma, a ressurreição de Jesus Cristo é vitória sobre a morte e esta já se encontra debaixo dos seus pés (WENLAND, 1976, p. 276-277).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação estabelecida entre os termos YHWH e ’ādōnāy não permite descartar a possibilidade de que o termo ’ādōnāy tivesse sido usado, pelo autor do salmo, com conotação messiânica já no pré-exílio, mas em função da descendência de Davi. A LXX, de fato, não encontrou problemas para traduzir ambos os termos por *kyrios*. Esta conotação, porém, ganhou força com a história após o exílio e se cristalizou, principalmente, com as releituras que foram feitas no NT, graças à compreensão cristã das profecias messiânicas (DAVIS, 2000, p. 160-3).

As releituras do NT passaram, praticamente, a determinar a origem pré-exílica do salmo, colocando Davi como o autor ou sujeito da fala profética que se concretizou nos seus descendentes e culminou com Jesus que foi aclamado “filho de Davi”. Assim, as conexões históricas dos descendentes com Davi se tornaram as bases para se falar das conexões históricas de Jesus Cristo com Davi, quando o salmo foi usado por ele diante do sumo sacerdote ou a ele aplicado por Mateus, Marcos, Lucas, Pedro, Paulo ou pelo autor da Carta aos Hebreus (GRENZER, 2015, p. 266-70).

A fé na parusia de Jesus Cristo foi pautada, igualmente, na sua ressurreição e ascensão, sinais da sua vitória sobre a morte, mas passou por diversas fases. Nestas, o Sl 110 teve um papel importante, pois serviu para explicitar a vida de Jesus, para sustentar os vacilantes, diante das duras provas, e repropor, para eles, o sentido da vitória final da história, renovando a fé e fortalecendo a nova expectativa para o fim dos tempos. A morte, então, passou a ser o último inimigo a ser destruído por aquele que, ressurto, é rei e sacerdote eterno: Jesus Cristo.

PSALM 110 ANALYSIS AND REREADINGS IN THE NEW TESTAMENT

Abstract: in this paper, some variants are evaluated and discussed from the confrontation between the Hebrew and Greek texts. The royal and priestly natures, present in the structure, can be applied to a single recipient and reveal the literary genre of the psalm. The brief comment expresses the literal sense, for which the perspectives are opened to understand the use and reinterpretation that were made from some verses in the NT. Faith in the resurrection and ascension of Jesus Christ was essential to the Christian understanding of this psalm.

Keywords: King David. Psalm. Messiah. Jesus Christ. Resurrection.

Notas

- 1 Texto hebraico conforme a Bíblia Hebraica Stuttgartensia editada por Elliger e Rudolph (1990).
- 2 Texto grego conforme a Septuaginta editada por Rahlfs (1952) e emendada por Hanhart (2006).
- 3 Outra tradução possível seria “Dominarás”, pois imperativo na poesia equivale ao futuro com sentido enérgico (JOÛON-MURAOKA, 2007, p. 396).
- 4 Seria possível traduzir por “voluntário”, denotando que o povo governado pelo rei possui uma particularidade concreta: livremente se oferece para a batalha (JOÛON-MURAOKA, 2007, p. 600).
- 5 Outras traduções possíveis: “O teu povo empenha-se voluntariamente no dia da tua parada militar” (RAVASI, 1984, p. 255); “Teu exército é de voluntários no dia da mobilização”

(ALONSO SCHÖKEL – CARNITI, 1998, p. 1348); “O teu povo é generosidade no dia da tua potência militar” (COSTACURTA, 1997, p. 304); “O teu povo apresenta-se voluntariamente no dia da tua potência” (LORENZIN, 2001, p. 420).

- 6 O texto hebraico possui paralelismos, entre “útero” (ou “chuva”) e “orvalho” e entre “alvo-recer” e “juventude”, que se perderam na LXX e nas tentativas que se seguiram de emendar ou corrigir o texto a partir de conjecturas, sem em levar em conta as técnicas literárias do paralelismo e da aliteração (RENDSBURG, 1999, p. 548-551).
- 7 Os sinais diacríticos que foram usados para servir de vogais para YHWH apenas querem fazer com que o leitor se lembre de não pronunciar o santo nome, mas que, no seu lugar, diga ’ādōnāy. Usa-se, também, outras formas diante de YHWH: “o Nome”, “o Altíssimo”, “o Santo”, etc. YHWH é o Nome inefável do Deus de Israel, nome que se lê, mas não se pronuncia por respeito e por adoração.
- 8 Em 1Sm 25,28.30.31 e em 2Sm 4,8, usa-se YHWH para Deus e ’ādōnāy para Davi. Na LXX, a tradução é igual ao Sl 110,1: κύριος τῷ κυρίῳ μου.
- 9 Os verbos que aparecem no qatal podem ser traduzidos pelo futuro profético ().
- 10 Apesar de Gn 14,18 ser a primeira ocorrência do nome Melquisedec, e ter, de fato, conotação de nome próprio, visto que o termo rei reaparece ligado à cidade de Salem, não significa que esta referência seja anterior ao Sl 110,4. Fora dessas duas passagens, a personagem não é mais lembrada em toda a Bíblia hebraica. No NT, Melquisedec é citado oito vezes apenas na Carta aos Hebreus (cf. Hb 5,6.10; 6,20; 7,1.10.11.15.17). A principal razão para tão grande incidência, deve-se à característica sacerdotal da cristologia desenvolvida na Carta aos Hebreus (GRANERØD, 2009, p. 202).
- 11 O Sl 110 tem sido um dos mais estudados de todo o saltério, basta constatar a abundante lista oferecida por ALONSO SCHÖKEL – CARNITI (1998, p. 1349-1351).
- 12 Os Sl 2; 20-21; 45; 72; 132 são igualmente exemplos de salmos régios porque endereçados a um rei de Jerusalém por ocasião, talvez, do rito da unção e da entronização (ALONSO SCHÖKEL – CARNITI, 1998, p. 1352-1353; LORENZIN, 2001, p. 428).
- 13 O episódio de Balaão contém diversos desses elementos. É significativo que, sendo “vidente”, viu a glória que estava destinada a Israel (cf. Nm 23,18-24; 24,3-9.15-19).
- 14 No NT não há relatos de guerras, envolvendo Jesus e seus seguidores de forma direta, mas existem alertas de guerra nos Evangelhos (cf. Mt 24,4-14; Mc 13,5-13; Lc 21,8-19; Jo 16,2) e no livro do Apocalipse (cf. Ap 9,7-9; 11,7; 12,17; 13,7; 16,14; 19,19; 20,8), pelos quais se anuncia a chegada dos fins dos tempos.
- 15 Como em Is 7,14-15 citado por Mt 1,23; como em Is 9,5-6 citado por Lc 2,14; como em Is 11,1-9 citado por Mt 3,16; e como em Is 61,1-3 citado por Lc 4,18-19. Somem-se a estes os quatro cantos do servo sofredor (cf. Is 42,1-7; 49,1-13; 50,4-11; 52,13-53,12). Para uma abordagem abrangente sobre o tema do sofrimento no AT e no Antigo Oriente Próximo (SIMIAN-YOFRE, 2005).
- 16 Discute-se sobre quem fala no salmo fora da fala de YHWH (BATEMAN, 1992, 441-445; GRENZER, 2015, p. 260).
- 17 À direita do rei está a rainha (cf. Sl 45,10), ou a mãe do rei (cf. 1Rs 2,19). Há quem tenha admitido que a fala de YHWH, “senta-te à minha direita”, seria uma referência à posição do trono régio colocado à direita do local da arca da aliança, tida como trono de YHWH (KRAUS, 1966, 757), ou à proximidade entre o palácio do rei e o templo de YHWH, que estaria construído a sudeste do templo, isto é, à direita (ALONSO SCHÖKEL – CARNITI,

1998, p. 1356), ou ainda que a cerimônia de entronização ocorresse em um lugar especial no templo (WEISER, 1994, p. 537).

- 18 O cetro régio é, também, indicado pelo termo šēbet (cf. Sl 2,9; 45,7; Is 9,3; 11,4; 14,5).
- 19 É provável que se tenha desejado criar uma ligação geográfica entre Salem e Jerusalém, e pessoal entre o rei Melquisedec e o rei Davi (cf. Sl 76,2). Deste modo, David e seus sucessores se ligam tanto à cidade santa como se tornam herdeiros da tradição desse ilustre desconhecido rei de justiça e sacerdote do Deus Altíssimo.
- 20 No NT, estar à direita ou à esquerda indica distinção (cf. Mt 20,21), mas, também salvação ou condenação (cf. Mt 25,31-46).
- 21 Os títulos atribuídos a Jesus possuem suas raízes no AT e exaltam as suas prerrogativas humanas, filho de Davi e messias, e divinas, Senhor e Filho de Deus (GNILKA, 1998, p. 393-394).
- 22 A autoridade divina aparece nas afirmações: “Como então Davi, no espírito, o chama senhor” (Mt 22,43); “O próprio Davi disse pelo Espírito Santo” (Mc 12,36).
- 23 Para Fitzmyer, citado por Pesch (1982, p. 382), o jogo de palavras, que se faz com o termo κύριος, não induz a pensar, necessariamente, numa dependência da LXX ou do texto hebraico, existente na época de Jesus, mas poderia estar baseada já num targum do Sl 110, como atestado em Qumran.
- 24 A direita de Deus no céu é a posição reservada para o Filho do Homem, justo juiz glorificado, que admitirá, também, à sua direita os “benditos do meu pai” (cf. Mt 25,31-46).
- 25 Hb 1,5-13 foi elaborado, do ponto de vista literário e teológico, usando o Sl 2,7 e 110,1 com excepcional criatividade e grande habilidade retórica. Com isso, desde o início do escrito, se oferece uma importante chave de leitura que contribui para a compreensão de como o cristianismo primitivo fez a interpretação cristológica dos Salmos (WALLACE, 2003, p. 48-50). Em vários aspectos, o Sl 110 parece ser uma reinterpretação do Sl 2.

Referências

- ALONSO SCHÖKEL, L.; CARNITI, C. *Salmos II (Salmos 73-150)*. São Paulo: Paulus, 1998.
- BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo (I)*. São Paulo: Loyola, 1989.
- BARBAGLIO, G. O Evangelho de Mateus. In: BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 34-420.
- BATEMAN, H. W. Psalm 110:1 and the New Testament. *Bibliotheca Sacra*, 149, p. 438-453, Oct./Dec. 1992.
- BOOIJ, T.; PSALM, C. X. Rule in the midst of your foes. *Vetus Testamentum XLI*, p. 396-407, Oct./ Dec. 1991.
- BORTOLINI, J. *Conhecer e Rezar os Salmos: Comentário popular para nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2000.
- CALLAN, T. Psalm 110:1 and the Origin of the Expectation that Jesus Will Come Again. *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 44, p. 622-636, 1982.
- COSTACURTA, B. Il trionfo del re messia (Salmo 110). In: BONORA A.; PRIOTTO, M. (Coll.). *Libri Sapientiali e Altri Scritti*. Leumann (Torino): ELLE DI CI, 1997, p. 303-314.

- DAVID, B. C. Is Psalm 110 a messianic Psalm? *Bibliotheca Sacra*, 157, p. 160-173, apr./jun. 2000.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W (Ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1904.
- FABRIS, R. O Evangelho de Marcos. in: BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 422-621.
- FABRIS, R. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.
- FABRIS, R. O Evangelho de Lucas. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 9-247.
- FABRIS, R. *As Cartas de Paulo (III)*. São Paulo: Loyola, 1992.
- FERNANDES, L. A. *O Anúncio do Dia do Senhor*. Significado profético e sentido teológico de Jl 2,1-11. São Paulo: Paulinas, 2014.
- FITZMYER, J. A. The Contribution of Qumran Aramaic to the Study of the New Testament. *NTSt*, 20, p. 382-407, 1973/74.
- GILBERT, M.; PISANO, S. Psalm 110 (109),5-7. *Biblica*, v. 61, p. 343-354, 1980.
- GNILKA, J. *Il vangelo di Matteo (parte seconda)*. Brescia: Queriniana, 1988.
- GRANERØD, G. Melchizedek in Hebrews 7. *Biblica* 90/2, p. 188-202, 2009.
- GRENZER, M. Sentado à direita do Senhor (Salmo 110,1), p. 257-270. In: MAZZAROLO, I.; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C (Orgs.). *Exegese, Teologia e Pastoral: Relações, Tensões e Desafios*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Academia Cristã, 2015.
- JOÜOM, P.; MURAOKA, T. *Gramática del Hebreo Bíblico*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2007.
- KRAUS, H.J. *Psalmen II (BK. AT)*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1966.
- LORENZIN, T. *I Salmi*. Milano: Paoline, 2001.
- RAHLFS, A. (Ed.). *Septuaginta* (vol. II). Stuttgart: Privilegierte Württembergische Bibelanstalt, 1952 – Edição revisada e emendada por HANHART, R. *Septuaginta*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- RAVASI, G. *Il Libro dei Salmi*. Commento e Attualizzazione (volume III: 101-150). Bologna: EDB, 1984.
- RENDSBURG, G. A. Psalm CX 3B. *Vetus Testamentum*, Leiden, XLIX/4, p. 548-553, 1999.
- ROUTLEDGE, R. Psalm 110, Melchizedek and David: Blessing (the descendants of) Abraham. *Baptistic Theologies*, p. 1-16, 2009.
- SABOURIN, L. *Il Vangelo di Luca*. Introduzione e Commento. Casale Monferrato-Roma: Piemme-Gregoriana, 1989.
- SIMIAN-YOFRE, H. *Sofferenza dell'uomo e silenzio di Dio nell'Antico Testamento e nella letteratura del Vicino Oriente Antico*. Roma: Città Nuova, 2005.
- SCHLIER, H. La lettera agli Efesini. Brescia: Paideia, 1973.
- _____. *La lettera ai Romani*. Brescia: Paideia, 1982.
- SCHNEIDER, G. *Gli Atti degli Apostoli (parte prima)*. Brescia: Paideia, 1985.
- WALLACE, D. The use of Psalms in the shaping of a text: Psalm 2:7 and Psalm 110:1 in Hebrews 1. *Restoration Quarterly*, v. 45, p 41-50, 2003/1-2.

WATTS, R. E. The Lord's House and David's Lord: The Psalms and Mark's Perspective on Jesus and the Temple. *Biblical Interpretation*, v. 15, p. 307-322, 2007.

WEISER, A. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.

WENDLAND, H. D. *Le Lettere ai Corinti*. Brescia: Paideia, 1976.